

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. 20. ed., São Paulo: Annablume, 2005. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/gidecelle/geografia-pequena-historia-critica-antonio-carlos-robert-moraes>. Acesso em 02 de Junho de 2014.

Por

Renata Maia Agostinho Demetrio

Geografia (2º período)

Introdução:

Nascido em Minas Gerais, em 1954, Antonio Carlos Robert de Moraes, é doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e autor de vários livros, entre eles, *Geografia: Pequena História Crítica*, cuja primeira edição data de 1981. O autor retrata de forma sistemática a História do Pensamento Geográfico apresentando detalhadamente cada corrente geográfica do século XIX e XX. A importância da leitura desta bibliografia é ratificada por pertencer ao programa Rede de Leitura do Curso de Geografia da FIC, sendo obrigatória para todos os graduandos.

Elaborado em uma linguagem simples e didática, seu conteúdo é apresentado sem dificuldades até mesmo para alunos que estão tendo o primeiro contato com a disciplina. No entanto, trata-se de um clássico da História do Pensamento Geográfico, sua leitura é indispensável e enriquecedora para a formação do profissional de Geografia.

No primeiro capítulo, Moraes apresenta um resgate das reflexões sobre o que é Geografia e, suas indefinições, pois para alguns autores é o estudo da superfície terrestre, para outros a síntese de todas as ciências da Terra ou ainda, o estudo da paisagem. Outra proposta é a Geografia como estudo da diferenciação de áreas ou como estudo do espaço e finalmente como o estudo das relações entre o homem e o meio, isto é, sociedade e natureza.

No segundo capítulo, aborda o Positivismo como o fundamento da Geografia Tradicional, assim os estudos geográficos devem limitar-se aos aspectos visíveis do real pautado na observação. A origem e os pressupostos da Geografia são discutidos no capítulo três. A partir do capítulo quatro o autor descreve as correntes geográficas, seus principais teóricos e ideias chave.

O termo Geografia é utilizado desde a Antiguidade Clássica, porém, o conhecimento geográfico se encontrava disperso. Definindo-se como Geografia relatos de viagens, escritos literários, relatórios estatísticos, etc.

O conhecimento geográfico sistematizado vai ocorrer no início do século XIX. O primeiro pressuposto foi o conhecimento real da extensão da Terra através das Grandes Navegações e o segundo o aprimoramento das técnicas cartográficas.

A Geografia é reconhecida como Ciência a partir do século XIX. Os alemães Humboldt e Ritter são considerados os pais da Geografia. É a partir dos estudos da corrente Alemã que se originaram as maiores contribuições para a sistematização do pensamento geográfico, as primeiras teorias e propostas, institutos e cátedras dedicadas a Geografia.

A Corrente Alemã

Kant, Humboldt, Ritter e Ratzel são os principais teóricos desta corrente, conhecida como tradicional.

A Ciência surge no período de transição do Feudalismo para o Capitalismo na Alemanha. A questão do espaço era primordial e apesar da defesa da neutralidade política, a Geografia foi a fortalecedora para o expansionismo alemão.

Para Kant, o conhecimento é dado pelos sentidos. Para Humboldt, é uma ciência de síntese de todos os conhecimentos da Terra. Ritter defende uma Geografia de regionalização, estudando uma área delimitada e identificando sua individualidade. Ratzel funda a Geografia Humana e elabora o conceito de 'espaço vital'. Para ele, "o território representa as condições de trabalho e existência de uma sociedade. Por outro lado, o progresso implicaria a necessidade de aumentar o território" (p.19). As formulações de Ratzel manifestaram-se na constituição da Geopolítica.

Esta corrente possuía uma metodologia empírica constituindo na análise do espaço físico e não na atividade humana. Sua visão era determinista, isto é, as condições naturais regiam o ser humano.

A Geografia francesa

Com o apoio do Estado francês a Geografia foi introduzida em todas as séries do ensino básico, foram criados cátedras e institutos de Geografia. Seu principal formulador é Paul Vidal de La Blache.

Segundo Moraes, "a Geografia de Ratzel legitimava a ação imperialista do Estado Bismarckiano. Era mister, para a França, combatê-la. O pensamento geográfico francês nasceu com esta tarefa" (p.23).

Esta corrente pretendia deslegitimar o pensamento de Ratzel que impulsionava o imperialismo alemão através do autoritarismo. A proposta de Vidal possuía um tom mais liberal, porém, também visando os interesses expansionistas de seu país.

Vidal de La Blache criticou o conceito de 'espaço vital' e a politização explícita contida no discurso de Ratzel, defendendo a 'neutralidade científica'. Na França, esta vinculação política corria de forma dissimulada.

Outra crítica a Ratzel refere-se a passividade do elemento humano às imposições do meio. Vidal nega a determinação humana pelas condições naturais, mas as vê como possibilidades para a ação humana, "colocou o homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o" (p.24). Surge o Possibilismo.

As formulações vidalinas não abordam as relações sociais, mantém uma visão naturalista discutindo apenas a relação homem-natureza. Como principal desdobramento da proposta vidalina temos a Geografia Regional, onde caberia aos geógrafos delimitar uma unidade espacial, descrevê-la e explicá-la.

Além de Vidal de La Blache, a Geografia Tradicional francesa contou com outros autores proeminentes como: Max Sorre, Le Lannou e Cholley dando continuidade aos

fundamentos e concepções, estabelecendo uma Geografia Humana, voltada somente para o estudo dos fenômenos humanos.

A Geografia norte-americana – Pragmática

O desenvolvimento da Geografia americana ocorreu a partir de 1930 com a implantação de duas grandes escolas, uma na Califórnia e a outra no Meio-Oeste. Passando a ser um dos centros mundiais da produção geográfica.

O principal teórico da escola da Califórnia foi Carl Sauer formulando a Geografia Cultural, estudo das 'paisagens culturais'. Hartshorne, da escola do Meio-Oeste, seus conceitos básicos foram os de 'área' (instrumento de análise) e de 'integração' (múltiplos processos integrados) atribuídos ao método.

Hartshorne propôs a Geografia Idiográfica, análise de um só lugar e unitária levando a um conhecimento profundo de um determinado local. E a Geografia Nomotética, um estudo generalizado, o pesquisador pararia na primeira integração e a reproduziria em outros lugares. Com exemplos temos a Geografia do Petróleo e a Geografia do Café.

A partir da década de cinquenta a Geografia Tradicional atravessa uma crise, busca-se novas propostas, maior reflexão, nova linguagem, sendo assim Moraes aponta que "as certezas ruíram, desgastaram-se. E, novamente, pergunta-se sobre o objeto, o método e o significado da Geografia" (p.34).

O sensoriamento remoto, as imagens de satélite, o computador são utilizados como novas técnicas para a análise geográfica, findando o fundamento filosófico da disciplina. Criticou-se a Geografia Tradicional quanto a indefinição do objeto de análise, a questão da generalização e o fundamento positivista clássico.

Neste movimento de renovação da Geografia surgiram dois grandes grupos: Geografia Pragmática e Geografia Crítica.

A Geografia Pragmática modifica a forma utilizada pela Geografia Tradicional mas sem alteração no conteúdo social. O conhecimento fornece informações e legitima a expansão capitalista. A disciplina passa do positivismo clássico para o neopositivismo, do empirismo da observação para dados estatísticos, do trabalho de campo para estudos cibernéticos, tornando-se mais abstrata, onde "os autores pragmáticos vão propor uma ótica prospectiva, um conhecimento voltado para o futuro, que instrumentalize uma Geografia aplicada" (p.37).

Dematteis e Berri propõem a partir da Geografia Quantitativa, que o temário geográfico deveria ser explicado por métodos matemáticos, como a parece na Geografia Sistemática ou Modelística, na teoria dos sistemas, uso de modelos de representação e explicação dos temas geográficos.

Dentro das vias de objetivação da Geografia Pragmática, podemos citar ainda, a Geografia da Percepção ou Comportamental, que visa explicar a valorização subjetiva do território, a consciência do espaço vivenciado e o comportamento em relação ao meio. A Geografia da Percepção "buscaria entender como os homens percebem o espaço por eles vivenciado, como se dá sua consciência em relação ao meio que os encerra" (p.39).

A Geografia Pragmática e suas vias, servem como instrumentos para o domínio burguês, legitimando a ação do capital sobre o espaço terrestre defendendo “a maximização dos lucros, a ampliação da acumulação do capital, enfim: a manutenção de exploração do trabalho” (p.40).

Ao nível teórico, as propostas pragmáticas são criticadas quanto ao empobrecimento e abstração da ciência, tornando-se distante da realidade apesar de todo desenvolvimento tecnológico utilizado em suas análises.

Geografia Crítica

A Geografia Crítica rompe com o pensamento anterior, propondo uma transformação social. Veem a análise geográfica como instrumento de libertação do homem e lutam por uma sociedade mais justa criticando a despolitização ideológica da Geografia.

Os geógrafos críticos desvendaram a relação da Geografia e os interesses das classes dominantes. A crítica mais radical a Geografia Tradicional está no livro de Yves Lacoste, *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra*.

Lacoste chama de “Geografia dos professores” a corrente tradicional, onde o conhecimento geográfico é apresentado como inútil e desinteressante, fornecendo dados e informações sobre toda a Terra para a “Geografia dos Estados-Maiors”, esta, um instrumento de dominação da burguesia.

A Geografia crítica é uma via revolucionária de denúncias aos detentores do Poder, abrindo uma discussão política na análise geográfica, “uma Geografia de denúncia de realidades espaciais injustas e contraditórias” (p.44).

A proposta baseava-se na explicação das regiões mostrando formas, funcionalidade, mas também, a miséria, a subnutrição, as favelas, em fim, os problemas sociais.

Pierre George se destacou nesta corrente ao introduzir conceitos marxistas a discussão geográfica. As relações de produção, as relações de trabalho, a ação do grande capital. O rompimento do isolamento geográfico é uma das metas desse movimento, o filósofo H. Lefebvre e o sociólogo M. Castels deixaram grandes contribuições teóricas, tais como os livros *A questão urbana*, de M. Castels e *A produção do espaço e Espaço e Política* de H. Lefebvre.

David Harvey, ao focar o urbano, analisa o uso do solo, o valor-de-uso e o valor-de-troca. Vendo as formas espaciais enquanto processos sociais. Uma das propostas mais amplas a Geografia Crítica vem de Milton Santos, trazendo o espaço como o objeto da análise geográfica.

Na Geografia crítica não há um discurso único, convivem propostas díspares, o traço comum encontra-se no discurso crítico, estimulando a reflexão, buscando-se novos caminhos, tentando-se novas fórmulas de leitura do espaço.

Os geógrafos críticos anseiam a transformação da ordem social em função dos interesses humanos. Uma Geografia mais justa.

Considerações finais:

Esta obra é uma síntese sobre a História do Pensamento Geográfico, desde a utilização do termo Geografia pelos povos antigos até a Geografia crítica, trazendo uma visão cronológica do desenvolvimento desta ciência. Vale ressaltar que este clássico não apresenta as correntes atuais, como a Geografia Cultural, visto que sua elaboração ocorreu no final da década de 80. Sua leitura é imprescindível ao futuro professor demonstrando a relevância do conteúdo que ministraremos aos nossos alunos.